

OS DEZ SEGUNDOS DO ALMIRANTE ARLEIGH BURKE*

“A Marinha tem uma tradição e um futuro – e nós olhamos com orgulho e confiança em ambas as direções”
(Almirante de Esquadra Arleigh Albert Burke)

ROBINSON FARINAZZO CASAL**
Capitão de Fragata (T)

SUMÁRIO

Introdução
O legado positivo de uma lenda da Marinha

INTRODUÇÃO

Por mais rigorosas que sejam as exigências que se façam a um oficial no exercício de suas funções em qualquer Marinha que se analise, as cobranças de carreira dirigidas àquele em época de paz nem de longe se comparam às demandas dos tempos de guerra ou de crise. Fato é que existem militares que se sobressaem muito bem na rotina previsível dos quartéis, em que erros podem ser mascarados, mas que talvez não tivessem tanta sorte se postos

à prova em situações em que coragem, engenho e tirocínio lhes fossem exigidos o tempo todo. Na guerra, o mais leve engano fica gritantemente perceptível à crítica e à condenação de todos.

A história que será contada a seguir se enquadra perfeitamente na afirmação acima, pois narra a vida e a carreira de um oficial que, em seus 42 anos a serviço da Marinha dos Estados Unidos da América (USN), jamais conheceu tempos amenos. E que provou ser um profissional extremamente valoroso nos anos difíceis que seu país enfrentou.

*N.R.: Publicado na Revista *Passadiço* - 2016.

** Gerente de Aeronaves da Diretoria de Sistemas de Armas da Marinha. Graduado em Administração de Empresas pela Faculdade de Educação Ciências e Artes Dom Bosco de Monte Aprazível (Faeca).

Arleigh Albert Burke, um descendente de imigrantes suecos, nasceu no interior do Estados Unidos da América (EUA), em Boulder, Colorado (1901), e formou-se em Annapolis em 1923. Teve uma carreira naval plena de aprendizado, servindo por cinco anos no encouraçado USS *Arizona*, sendo chefe da artilharia, oficial de torpedos e encarregado da navegação, dentre outras funções. A essas comissões se somariam os diversos cargos que exerceu em vários contratorpedeiros na década de 30.

O início da Segunda Guerra Mundial na Europa iria encontrá-lo no comando do USS *Mugford* (DD-389). Sob o comando de Burke, o navio sagrou-se campeão de tiro, máquinas e comunicações. Como inegável prova da sua competência e liderança, dizia-se na época que aquele destróier se enquadrava perfeitamente na clássica definição de “um navio feliz”.

Tão feliz quanto a América que, até 1941, se mantinha próspera e fora da guerra. Mas, em 7 de dezembro daquele ano, os japoneses atacaram a base americana de Pearl Harbour, nas ilhas do Havaí, permitindo que toda uma geração

de marinheiros americanos, que jamais sairiam do anonimato em tempo de paz, revelassem seus talentos guerreiros. Dentre eles sobressaíram-se os Almirantes King,

Nimitz, Mitscher, Fletcher, Halsey e Spruance, mas o Capitão de Mar e Guerra Arleigh Burke foi, seguramente, o comandante de contratorpedeiro (ou destróier) mais famoso de toda a guerra.

E foi por vontade própria que Burke, que até aquela data fatídica se encontrava servindo num monótono cargo administrativo, seguiu ao encontro do seu destino, tendo servido durante toda a campanha contra os japoneses no Pacífico Sul. Comandando um esquadrão de destróieres na conquista de Bougainville (nas Ilhas Salomão), em novembro de 1943, ele travaria 22 engagements contra o inimigo em apenas quatro meses.

Foi sob sua liderança que se tornou lendário o Esquadrão de Contratorpedeiros 23 (Little Beavers), o qual cobrou um preço alto dos japoneses:

destruiu um cruzador, nove destróieres, um submarino, vários barcos menores e 30 aeronaves. O lema do Captain Burke era: “Os contratorpedeiros que fizeram contato com o



Almirante Arleigh Burke

Comandando um esquadrão de destróieres na conquista de Bougainville (Ilhas Salomão), em novembro de 1943, Arleigh Burke travaria 22 engagements contra o inimigo em apenas quatro meses

inimigo devem atacar o mesmo sem esperar ordem do comandante de Força”. Por esta época, ele já fazia jus ao apelido pelo qual era conhecido em toda a Marinha: “Burke 31 nós”, em alusão à velocidade (espantosa para os padrões da Segunda Guerra) que obrigava os navios sob seu comando a manter em combate. Amado pelos armamentistas, era o terror dos maquinistas.

Em março de 1944, Burke é nomeado chefe do Estado-Maior (CEM) da Força Tarefa 58 (5ª Frota de Porta-Aviões Ligeiros), sob as ordens do célebre Almirante (aviador naval) Marc Mitscher. Este arranjo atendia a uma sábia diretiva do comandante de Operações Navais (Chief of Naval Operations – CNO), Almirante Ernest J. King, segundo o qual comandantes de forças de superfície, como o Almirante Spruance, deveriam ter como CEM um oficial aviador, bem como comandantes de forças aeronavais teriam um oficial de superfície como CEM. No início, nem Burke e nem Mitscher ficaram muito satisfeitos com este arranjo, mas, com o tempo, formaram uma dupla inseparável e de altíssima sinergia, arquitetando todos os sucessos da Task Force 58 e enfrentando até os ferozes ataques dos *kamikazes* japoneses. Ambos ainda trabalhariam juntos, mais uma vez, no pós-guerra, até o falecimento de Mitscher, em 1947.

“Burke 31 nós”, amado pelos armamentistas, era o terror dos maquinistas



Missil Polaris

A Guerra da Coreia (1950-53) vai encontrá-lo no posto de contra-almirante, e ele desempenharia papel relevante (além de ganhar muita experiência em assuntos estratégicos) nas negociações de trégua entre as forças das Nações Unidas (ONU) e o exército da Coreia do Norte (KPA).

Volta aos EUA em 1954, onde exerceu diversos cargos, inclusive o de comandante da Força de Contratorpedeiros do Atlântico. Nesta altura de sua carreira, acontece um fato que é considerado perfeitamente meritório para alguns, mas redondamente injusto para outros: Burke foi promovido diretamente de duas para quatro estrelas, ou seja, ele nunca passou pelo posto de vice-almirante. A verdade é que esta promoção relâmpago estava lhe abrindo as portas para o cargo de comandante de Operações Navais (CNO), que assumiu efetivamente em 1955, praticamente no auge da Guerra Fria.

Se havia dúvidas de alguns almirantes a respeito da competência de Burke para o cargo, elas

rapidamente desapareceriam em virtude de suas realizações. Senão, vejamos:

– Ele apoiou o brilhante Almirante Hyman Rickover no desenvolvimento da primeira frota de submarinos nucleares do mundo.

– Instituiu o programa de mísseis balísticos lançados de submarinos (uma aposta

inovadora, mas de alto risco à época, porque poucas pessoas acreditavam ser possível miniaturizar eficientemente uma ogiva nuclear ao ponto da mesma caber em um míssil lançado de submarino) – e daí veio o gigantesco Projeto Polaris.

– Um ponto a favor de sua capacidade de descortino é o fato de que, embora tenha passado toda a sua carreira naval na Força de Superfície da USN, Burke soube, como almirante, se apartar de qualquer preferência particular, compreendendo de maneira isenta que investir em submarinos era o melhor caminho para a Marinha e para os EUA naquele momento – e isto é pensar grande.

– Como resultado destas decisões, os EUA passaram a contar com uma força nuclear submersa difícil de ser detectada e indestrutível sob o ponto de vista de sua totalidade.

A prova irrefutável da sabedoria e engenhosidade desta decisão é o fato de que nunca houve um conflito nuclear entre os EUA e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), vez que, dentre outros fatores, os soviéticos tinham plena ciência de que, mesmo que conseguissem destruir boa parte da força nuclear de seu oponente baseada em terra e nos céus em um primeiro golpe, jamais poderiam garantir a destruição total das forças nucleares submersas da USN. Só lhes restou também in-

vestir em armas, ficando, assim, assegurado o equilíbrio. Menos mal.

Burke passou à reserva da Marinha em 1961, depois de ter servido como CNO por três turnos nas administrações dos presidentes Eisenhower e Kennedy.

O LEGADO POSITIVO DE UMA LENDA DA MARINHA

Muitas das tradições de aguerrimento e agressividade em combate da USN no pós-guerra, presumivelmente, se devem

Muitas das tradições de aguerrimento e agressividade em combate da USN no pós-guerra, presumivelmente, se devem ao espírito que o Almirante Arleigh Burke lhe infundiu nos anos em que foi CNO

ao espírito que o Almirante Arleigh Burke lhe infundiu nos anos em que foi CNO. É bem provável que ele tenha ajudado bastante a moldar o caráter ofensivo da mesma. A necessidade disto se explica porque eram os anos de disputa de espaço com o bloco comunista, e a Marinha norte-americana era a

linha de frente do Ocidente nesse confronto. Foi o homem certo para a missão.

Mas ele também tinha um lado profundamente humano. Dizem que, certa vez, em um combate no Pacífico, o então Comandante Burke – um perfeccionista incorrigível e extremamente exigente consigo mesmo – não teria ficado satisfeito com a própria conduta durante uma batalha que, apesar de indiscutivelmente vitoriosa para os EUA, no seu entender poderia ter resultado em perdas ainda maiores para o inimigo japonês, não fora a demora



Selo em homenagem a Burke

dele próprio em dar a ordem para abrir fogo. Nesse momento, em uma flagrante prova de humildade e capacidade de fazer autocrítica, ele diz a um jovem guarda-marinha que se encontrava próximo: “A diferença entre um oficial brilhante e um medíocre é de apenas dez segundos”.

Esse momento raro nos diz muito sobre a personalidade de Burke e o que se espera de um oficial de Marinha. Ao admitir seu erro para um oficial que iniciava a carreira naval, ele mostrou que um chefe militar precisa saber administrar suas fraquezas, que todos somos falíveis e teremos que reconhecer e conviver com estas deficiências. E que devemos nos preparar durante toda a trajetória profissional para tomarmos decisões críticas da forma mais correta possível, porque a vida não nos avisa previamente a data e a hora em que elas se farão necessárias.

A existência de uma Marinha pode ser medida em séculos. Mas a sua essência, seus valores e, principalmente, seu compromisso para com o país ao qual serve, estes são decididos naqueles meros dez segundos em que sua liderança decide fazer o que é correto. Seja na paz ou na guerra, porque dificilmente quem decide errado na calma da paz terá capacidade para fazê-lo na agitação da batalha.

Se fica algo de Arleigh Burke para nós, integrantes da Marinha do Brasil, é que devemos nos preparar o tempo todo para o exercício de nossas funções. Isto se aplica tanto a civis como a militares, oficiais ou praças. A busca do aperfeiçoamento deve ser constante e infinita, diurna e noturna, e nenhuma oportunidade de aprendizado pode ser desperdiçada. Devemos fazer com que todos os nossos dias tenham valido a pena por neles ter-



Contratorpedeiro classe *Arleigh Burke*

mos nos tornado mais preparados do que na etapa anterior. Somos melhores quando reconhecemos que ainda falta muito para sermos apenas bons.

Mas há algo muito mais importante do que tudo na história de Burke: conforme já foi dito acima, ele começou a vida como um filho de imigrantes

suecos pobres do interior do estado do Colorado. Com esforço e trabalho duro, chegou ao posto mais importante da USN (nos EUA, o comandante de Operações Navais é nomeado pelo Presidente da República). Uma sociedade que oferece estas oportunidades a imigrantes mostra ao mundo que, inobstante seus problemas intrínsecos, acredita no poder e na força da igualdade entre os homens, estando aberta a todas as línguas, credos e nacionalidades. Os EUA são uma nação onde um homem vale, acima de tudo, por sua capacidade de

**A diferença entre um oficial
brilhante e um medíocre é
de apenas dez segundos**

Arleigh Burke

se dedicar ao bem comum de seus pares, independentemente de suas origens.

O Almirante Arleigh Burke faleceu em janeiro de 1996, aos 94 anos de idade, uma vida plena e longa dedicada totalmente à Marinha e ao País a quem

ele amou e serviu tão bem. Ele teve a graça de ver, no ano de 1988, o batismo de uma das melhores classes de contratorpedeiros de todos os tempos da USN e que, merecidamente, leva seu nome: os DDG *Arleigh Burke*.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<HISTÓRIA> História da Marinha dos EUA; Contratorpedeiro;